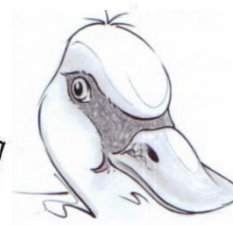


Rumos



Edição 17
Setembro 2024

ESTABELECIMENTO PRISIONAL DE ANGRA DO HEROÍSMO E CADEIA DE APOIO DA HORTA

DE PORTAS ABERTAS PARA O MUNDO



PARA NOVOS RUMOS: CORAGEM E ESPERANÇA

Se eu contar a minha vida, não é porque quero que sintam pena de mim, mas para entenderem o motivo de ser quem sou hoje. Talvez a olhar para mim, não vejam cicatrizes que a vida me deixou e talvez não percebam as batalhas que enfrento, os obstáculos que supero e as lágrimas que derramo, mas estas cicatrizes estão cá, gravadas, na minha história.

Mudando a minha jornada, eu não falo do meu passado para ganhar simpatia, mas para compartilhar a minha experiência porque cada desafio que enfrento, cada queda que sofro, me ensinou algo valioso.

Aprendi que a vida não é uma linha reta, mas uma estrada cheia de curvas e obstáculos. Aprendi que as pessoas nem sempre são o que parecem e que a confiança deve ser conquistada, não dada de graça. Aprendi que o sucesso vem para quem persiste.

A resiliência é a chave para superar qualquer adversário e, mais importante, aprendi que a verdadeira força está em mim, mesmo independentemente do que os outros possam pensar.

Então, quando compartilho o meu passado contigo, não é em busca de compaixão, mas sim de conexão.



São os momentos difíceis que elevam a nossa coragem e nos transportam para o mais forte que podemos ser. Eu passei e estou passando por muitos momentos difíceis, mas sabe o que me mantém de pé?

É saber que tenho um Deus maravilhoso na minha vida que, mesmo eu sendo falha, Ele nunca me abandona.

Não deixo que os acontecimentos de ontem tirem o brilho de hoje. Quando estamos sobrecarregados e queremos superar momentos difíceis, precisamos reformular e ver toda a situação de um ponto de vista diferente. Criar objetivos pequenos e fáceis. Recuperar o poder sobre o futuro. Investir nos relacionamentos. Ser humilde e pedir ajuda. Aceitar ajuda. Criar um diário com reflexões positivas. Lembre-se: um dia de cada vez!

Só conhecemos a alegria porque já passamos pelos momentos difíceis. Não há vitória sem luta. Nunca deixe a esperança morrer. Resista! Nos momentos difíceis, é preciso ter fé para conseguir enxergar o sol brilhando no horizonte. A lágrima que mais dói não é a que cai do rosto, mas a que inunda o coração e transborda até à sua alma.

Duarte Festa
Recluso do EPAH

Marlene Tavares
Reclusa do EPAH

A PRISÃO E A RECLUSÃO: HISTÓRIA

Segundo Neto (2000), o conceito de **prisão** (do latim, *prensione*) não se restringe ao local onde o sujeito fica preso, significando também “o ato de prender, de deter, de capturar o indivíduo”. Até ao início do século XVIII, a privação de liberdade não era a pena propriamente dita, mas sim uma forma de manter o condenado até ao momento do julgamento e execução da punição. Nesta época, não existiam edifícios próprios para alojar estes indivíduos e as “prisões eram em geral subterrâneas, embutidas nos castelos, imundas, inóspitas, insalubres, mefíticas”. As punições eram aplicadas em praça pública, sob forma de castigos corporais e mutilações que, muitas vezes, conduziam à morte (Foucault, 1999). No final do séc. XVIII e início do séc. XIX, emerge o verdadeiro sistema penitenciário, com o intuito de humanizar as penas, sob influência e contributo de pensadores como Cesare Beccaria, John Howard e Jeremy Bentham, que defendiam a humanização das penas, considerando que a privação de liberdade era um meio suficiente e mais adequado à educação, do que punição física (Beccaria, 1998). Na segunda metade do séc. XX, o sistema prisional e a reclusão são encarados numa perspetiva mais científica e com uma abordagem multidisciplinar, havendo um maior enfoque nas ciências do comportamento, com vista a promover uma mudança de atitude e de comportamentos dos reclusos (Marques, 2010).

Em Portugal, a reforma prisional de 1979 veio incutir a componente “regeneradora e ressocializadora” dos estabelecimentos prisionais, evidenciando direitos ao recluso (formação, trabalho, tempos livres) (Coelho, 2014). Atualmente, a prisão é um espaço de detenção. As penas atribuídas são quantificadas através de tempo de privação de liberdade - suficiente/proporcional para reparar o mal feito à sociedade. Com a evolução, dá-se também uma espécie de “desinstitucionalização” do meio prisional e tenta-se criar condições semelhantes às existentes na sociedade e/ou cooperar, sempre que possível, com a mesma (Coelho, 2014).

O sistema prisional atual preocupa-se cada vez mais com a reintegração futura do indivíduo em sociedade e, por isso, além de garantir condições base para uma vivência com qualidade, proporciona condições de intervenção nas competências sociais e relacionais do indivíduo, através de ocupações construtivas e programas de tratamento.

Trecho de relatório de estágio no Estabelecimento Prisional de Coimbra (não publicado)

Vânia Lima Pereira - Psicóloga do EPAH



CESARE BECCARIA



JOHN HOWARD



JEREMY BENTHAM

(RE)NASCER NA PRISÃO

PARENTALIDADE NA PRISÃO: QUE DESAFIOS?

O Estabelecimento Prisional de Angra do Heroísmo, é um estabelecimento prisional de segurança e complexidade altas e de tipologia mista. À data de 23/09/2024, alberga 208 homens e 19 mulheres, em blocos diferenciados/separados. Tem também condições para alojar crianças junto de pais reclusos, até aos 3 anos de idade (excecionalmente até aos 5 anos), conforme previsto na alínea g) do n.º 1 do artigo 7.º do Código da Execução das Penas e Medidas Privativas da Liberdade, aprovado pela Lei n.º 115/2009, de 12 de outubro.

Atualmente, no EPAH, vive uma bebé, junto da sua mãe, tendo-se verificado que a sua presença apazigua o ambiente envolvente.

No sentido de prover de condições para o bom desenvolvimento desta criança, o EPAH estabeleceu uma parceria com a **Associação AMA Aldeia da Parentalidade**, de forma a serem dinamizadas sessões de sensibilização sobre parentalidade, aos pais e à restante população reclusa.



Estar em reclusão não é fácil para ninguém, imaginem com um bebé, chegar a uma ilha longe da nossa família, da nossa zona de conforto. Tenho encontrado algumas dificuldades, mas com a equipa de Enfermagem, junto com a equipa de segurança, tem-se conseguido resolver. A Alana está muito bem desenvolvida, inteligente, apesar de estar a ser criada num estabelecimento prisional. É uma criança feliz e adorada por todos. Conto com o apoio da Associação AMA Aldeia da Parentalidade e da Associação Nascer e Crescer Feliz. Tenho de agradecer à Dra. Vânia e aos guardas pelo bem-estar da bebé. E, por último, mas não menos importante, às reclusas que diariamente também a mimam e ajudam como podem.

Ana Silveira
Reclusa EPAH

ATÉ MORRER, APRENDER!

A IMPORTÂNCIA DA APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA:

O conhecimento como fator protetor - prevenindo e remediando o crime; ajudando (ou não) na tomada de decisões.

A educação e a aprendizagem ao longo da vida (ALV) são direitos universais reconhecidos a todos os cidadãos e cidadãs, independentemente da sua origem ou condição, por vários organismos internacionais, tais como a UNESCO, a ONU ou a Comissão Europeia, que não podem ser retirados aos indivíduos privados da sua liberdade. Com efeito, a aplicação das medidas privativas da liberdade não retira ao Estado a função de garantir as condições necessárias para que todos que se encontrem na situação de reclusão possam usufruir dos restantes direitos em contexto prisional. Nesse contexto, por exemplo, a Educação a Distância (EaD), com recurso a computadores devidamente customizados e através de ligações seguras à rede para o uso em meio prisional, poderá assumir um papel relevante na medida em que consegue assegurar ofertas educativas e formativas diversificadas a nível da ALV, numa aceção de que os espaços e tempos de aprendizagem não devem esgotar-se ou serem restringidos pelo facto de se assegurarem, em simultâneo, as condições de segurança e vigilância de pessoas em cumprimento de penas. A ALV revela-se, assim, essencial à área do tratamento prisional e à posterior reintegração dos indivíduos na sociedade, num contexto caracterizado, em grande medida “(...) pelo isolamento e pela perda de autonomia do indivíduo, com a consequente diminuição do exercício da cidadania” (Tscharf, 2009, p. 65). É, portanto, um meio para o desenvolvimento pessoal, para o acesso ao mercado de trabalho e para o exercício pleno da cidadania, aspetos reconhecidos, aliás, pela UNESCO, na recomendação número 47 da Declaração de Hamburgo: “Reconhecer o direito de detentos à aprendizagem: a) informando os presos sobre as oportunidades de educação e de formação existentes em diversos níveis, e permitindo-lhes o acesso a elas; b) elaborando e pondo em marcha, nas prisões, amplos programas de educação, com a participação dos detentos, a fim de responder às suas necessidades e aspirações de aprendizagem (...)” (UNESCO, 1997, p. 20).

Educar e formar adultos ao longo da vida só adquire mais sentido quando é respeitado o conceito de ALV, pois significa “dar às pessoas os meios para desenvolver suas habilidades e competências que lhes permitam ‘ler o mundo’ e, com base nessa análise crítica, saber como enfrentá-lo e autodesenvolver-se, de uma forma digna” (Hurtado, 2005, p. 7). É um conceito humanista que alcança maior relevância nos espaços e tempos prisionais, uma vez que a educação e formação são necessárias a todos os indivíduos, incluindo todos aqueles que se encontram na condição de reclusão, pois ajudam à sua preparação para o regresso à liberdade e à sua reintegração na sociedade e, desta forma, no mercado de trabalho, com as exigências que caracterizam um mundo cada vez mais mediado pelo uso das tecnologias digitais.

É necessário acreditar que é possível fazer a diferença na educação e formação dos indivíduos que se encontram em reclusão. A educação, a formação e a ALV permitem a TODO(A)S transformar as suas realidades, acrescentando, de forma inclusiva, novos conhecimentos e novas aprendizagens aos saberes anteriores, além de novas perspetivas, igualdade de oportunidades e o direito a uma intervenção social crítica enquanto cidadãos e cidadãs, conscientes na tomada de decisões, estreitando o fosso entre o conhecimento e as suas competências e ajudando, deste modo, a promover a redução dos riscos da reincidência criminal e o sucesso da reinserção social.

O modelo educacional e formativo, nessa aceção, deverá respeitar a diversidade, a relação e a interação, a representação e a expressão, procurando um envolvimento de TODO(A)S que garanta uma aquisição de conhecimentos assente no respeito pelos estilos e tempos de aprendizagem.

A consciência na tomada de decisões, para além do discernimento, questionamento crítico e a responsabilização que suscitam em relação às escolhas a fazer e ações a realizar, responsabiliza TODO(A)S, até à etapa final de suas vidas, a serem os principais agentes da sua própria mudança, pois “(...) a realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo” (Freire, 1979, p. 22).

Não é tarde, nunca é tarde, é sempre tempo de (re)começar, de aprender e realizar, num espírito de partilha, cooperação e, também, de construção de verdadeiras comunidades de aprendizagem noutra contexto diferente da realidade vivida fora do espaço e tempo prisionais.

Carlos Carvalho

Licenciado em Educação – Maior em Educação e Minor em Pedagogia Social e da Formação, pela Universidade Aberta
Assistente Técnico do EPAH

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Freire, P. (1979). Conscientização: teoria e prática da libertação. São Paulo: Cortez & Moraes.
- Hurtado, C. N. (2005). Educación popular: una mirada de conjunto. Decisio, s/n, janeiro-abril. 3-14. Disponível em: https://infocdmx.org.mx/escuela/cursos_o_capacitadores/educacion_popular/decisio10_saber1.pdf
- Tscharf, C. (2009). Educação e formação de adultos em prisões portuguesas. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação). Universidade de Aveiro. Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/10418/1/disserta%C3%A7ao.pdf>
- UNESCO (1997). Educação de Adultos - Declaração de Hamburgo: Agenda para o futuro. UNESCO. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000116114_por/PDF/116114por.pdf.multi

Acesso em: 29 de agosto de 2024.



CADEIA DE APOIO DA HORTA

02 10 DE JANEIRO DE 2014

EM DESTAQUE

Tribuna das Ilhas

EDITORIAL

Falta de pescadores

■ As recentes declarações do diretor regional das Pescas a propósito do Curso de Pescador que a tutela está a promover junto da comunidade prisional dão mote a este editorial por dois motivos.

Em primeiro lugar cabe-nos destacar a pertinência e importância que a formação assume na inclusão social que se deve promover junto da comunidade prisional. Não podemos esquecer que quem hoje está detido a cumprir pena pelo erro que cometeu um dia vai sair em liberdade e tem um mundo à sua espera. Um mundo que é maduro e em que as discriminações são mais que muitas e em que o "rótulo" de "ex-recluso", pesa, e muito. Por isso, promover ações inclusivas, para aqueles que querem, parece-nos muito positivo. Como diz o adágio "não lhes des peixe, ensina-os a pescar".

Em segundo lugar, ficou-nos a preocupação acerca da falta de pescadores no Faial. Há falta de pescadores? Como é possível? Como é possível que nesta ilha, intimamente ligada ao mar, haja falta de pescadores? Como é possível que, com os números do desemprego a crescer dia após dia, não haja quem queira ir trabalhar para a pesca?

Temos que refletir sobre estes números e sobre estas questões. O Governo Regional está a dotar os desempregados de competências em variados áreas através dos cursos Reativar mas, a questão que se põe é: serão essas as áreas certas? De que serve formar 25 administrativos se a função pública está "pelas costuras" e não tem capacidade de absorver essas pessoas? Não será mais eficaz fazer um levantamento das áreas realmente carenciadas?

O setor das Pescas tem muito potencial nos Açores e está ligado ao MAR - bandeira de campanha para tudo o quanto foi eleições nos últimos tempos. Vamos esperar por uma escola de marítimos para fazer as coisas ir para a frente? Arrega-tem-se mangas! Há coisas que podem e devem avançar já!

As Pescas são um setor que tem o predomínio de poder gerar emprego fundamental para a Região e, gerar riqueza. Constitui uma das principais fontes de exploração do mar, representando uma relevante fonte de alimentação, uma importante atividade económica e uma fonte de emprego com impacto social significativo promovendo desenvolvimento das nossas zonas costeiras.

De que serve querer proteger a nossa Zona Económica Exclusiva, no âmbito da Política Comum de Pescas, se não temos quem vá à pesca?

É preciso pensar as coisas com cabeça, tronco e membros. Proporcionar aos profissionais do setor melhores condições de trabalho e promover a atividade de forma a que todos possam atingir um patamar económico sustentável em todas as comunidades piscícolas é um dos objetivos adoados pelo Executivo Regional. Então, deixem os gabinetes e vão para o terreno. Auscultem as pessoas e tomem atitudes pro-ativas.

MJS

Reclusos da Horta aprendem a arte da pesca

Maria José Silva

■ Teve início no dia 3 de janeiro um Curso de Pescador destinado aos reclusos da Cadeia de Apoio da Horta.

Esta iniciativa é da Direção Regional das Pescas e resulta de um trabalho levado a cabo pela professora Rosa Leal na sequência da promoção do curso de âmbito Reativar que decorreu nos últimos dois anos naquele estabelecimento prisional e cujos diplomas foram entregues também a 3 de janeiro.

O curso Reativar que terminou recentemente é equivalente a B1/B2 e 3 dos 12 formandos, inscreveram-se, inclusivamente, no exame de equivalência ao nono ano, tendo um deles obtido classificação positiva.

"Este curso nasceu de um sonho. Fazia parte de um grupo de voluntários que já ia à Cadeia fazer algumas iniciativas. Numa dessas idas dei-me conta de que os reclusos não tinham nada para ocupar o seu tempo e que tinham horas muito monótonas no estabelecimento, comecei a incentivar, quer os reclusos, quer a entidade formadora - a Câmara Municipal da Horta - para a abertura de um curso Reativar" - conta-nos Rosa Leal.

Aos 12 reclusos inscritos nesta formação foram ministradas as disciplinas de Português, Matemática, Cidadania e Empregabilidade, TIC, Aprender com Autonomia e Inglês.

A formação decorreu, no entender de Rosa Leal, de uma forma muito positiva. "Houve momentos muito marcantes, dos quais destaco o projeto "Abraço Inter-ilhas" que decorreu envolvendo também os reclusos de São Miguel, o concurso de molduras, o jornal "O Veredito" e ainda a publicação nos jornais locais de artigos da autoria dos reclusos, bem como a participação na Feira das Boas Vontades" - diz à nossa reportagem Rosa Leal.

Ester Pinto Pereira, vereadora da Câmara Municipal da Horta, disse ao TRIBUNA DAS ILHAS que "uma das pretensões do município é promover a inclusão e a formação, pelo que não poderíamos, de forma alguma, virar as costas à população reclusa."

CURSO DE PESCADOR

Então e como conta Rosa Leal, no decorrer do curso reativar foi elaborado um questionário que circulou nos diversos estabelecimentos prisionais. Depois



de trabalhos os dados chegaram à conclusão de que um dos anseios dos reclusos era obter formação na área das pescas. A inscrição neste curso só foi possível depois de terem frequentado o curso reativar e terem obtido a escolaridade obrigatória.

Perante isto, e dois anos depois, tem início a formação de pescador, que tem como entidade formadora a Direção Regional das Pescas.

No final da formação os reclusos terão todo o conhecimento teórico que lhes permite complementar com a componente prática e ficar dotados de Cédula Marítima.

TRIBUNA DAS ILHAS ouviu Luís Costa, diretor regional das Pescas a este propósito. "Este curso tem como objetivo principal dotar os formandos, neste caso os reclusos, de competências na área da pesca e da sua cédula marítima. Uma das prioridades do governo está relacionada com a inclusão social e neste caso concreto estamos a dar cumprimento a essa prioridade."

"Estamos no fundo, para além de contribuir para a reintegração destes reclusos na sociedade, a dar-lhes formação em contexto laboral o que lhes

permitirá ter uma formação específica que lhes permitirá embarcar nos barcos de pesca e trabalhar" - friso.

No Faial há uma falta de profissionais de pesca. Luís Costa adianta que os armadores faialenses têm muitas dificuldades em assegurar as suas companhias, logo este curso poderá ser um garante de mão-de-obra.

"O Faial sempre teve um grande número de armadores e uma população piscatória muito constante, sem renovação, pelo que, com a idade da reforma a chegar, esse número tende a decer e os armadores têm dificuldade em recrutar pescadores, sobretudo naqueles que fazem marés de 3/4 dias ou mais" - explica o diretor regional do setor das pescas.

Para tentar contrariar este fenómeno, para além desta formação que tem um público alvo muito específico, a direção regional das Pescas tem agendado, ainda para este ano, um curso de pescador aberto à população em geral, para o qual já tem uma lista de pré-inscritos na ordem das duas dezenas.

São 16 os reclusos a frequentar este curso que tem a duração de 200 horas e que versará temas como: as artes de

pesca, primeiros socorros, legislação, estiva e manuseamento de pescado e algumas noções de segurança e marinharia, bem como de governo de embarcação. A vertente prática será ministrada posteriormente, isto é, quando estiverem em liberdade.

A possibilidade de estender esta iniciativa a outros estabelecimentos prisionais não está posta de parte.

PROJETOS FUTUROS

Os reclusos são pessoas que precisam de saber estar, saber fazer e saber ser. Temos que lhes dar outras oportunidades na vida. Eles têm que ver o futuro com outros olhos e que precisam de alguém que os valorize dentro das áreas em que são capazes.

Futuramente gostaria de ver a possibilidade de abrir mais um reativar ou outra formação de cariz mais profissional.

A professora Rosa Leal tem trabalhado com crianças, idosos e reclusos. Não tem uma área de eleição, diz sim que "são três áreas que se completam. O importante é ver todos felizes, valorizar cada um deles e fazê-los sentir que todos conseguem

DO BAÚ DE RECORDAÇÕES... MEMÓRIAS DE HÁ 10 ANOS

Notícia "Reclusos da Horta aprendem a arte da pesca" em *Tribuna das Ilhas*, 2014

HORTAS CAH



No dia 30/07/2024 realizou-se na CAH um Torneio de Ténis de Mesa que contou com a participação de 8 reclusos.

A atividade física é uma dinâmica recentemente incutida e, atualmente, das mais promovidas e incentivadas, reconhecendo-se como uma forma de promoção de *estilos de vida saudáveis* e de dinâmicas pro-sociais.



PATROCINADO POR:



FICHA TÉCNICA

Diretor do EPAH e CA da Horta/Armando Coutinho-Pereira;
ATP/ Hugo Mendes;
Editora/Redatora: Vânia Lima Pereira